

AS DIMENSÕES DA LEITURA A PARTIR DA BIBLIOTECA E DO BIBLIOTECÁRIO

Leonardo Montes Lopes

Mestre em Educação pela UFG (Universidade Federal de Goiás) e professor do curso de pedagogia da Faculdade Almeida Rodrigues - Rio Verde-GO. Coordena projetos de revitalização de bibliotecas escolares e projetos de leituras da rede municipal de ensino de Rio Verde-GO.

leonardomontes09@uol.com.br

RESUMO: Esse trabalho tem como objetivo analisar as dimensões da leitura por meio da biblioteca e do profissional bibliotecário. É sabido que a biblioteca e o bibliotecário contribuem diretamente para a formação de leitores. Assim serão elencadas concepções de estudiosos tais como: Houaiss, Zilberman, Bamberger, Chartier, Abreu, Orlandi, Milanesi entre outros, que já legaram contribuições quanto ao papel da biblioteca e dos profissionais nela inseridos para a formação de leitores. Esse trabalho, de caráter qualitativo, não pretende esgotar-se no sentido de conceituar o papel da biblioteca e do bibliotecário, mas pretende levantar reflexões no sentido de que esse espaço seja um lugar de prazer, informação e formação de leitores, fazendo com que a biblioteca cumpra seu papel de instituição social, que forma leitores e assegura o acesso à informação e à cultura, proporcionando às pessoas o direito de ler e de se tornar informadas e capacitadas.

Palavras-chave: Leitura. Biblioteca. Bibliotecário.

THE DIMENSIONS OF THE READING FROM THE LIBRARY AND THE LIBRARIAN

ABSTRACT: This research has as goal to analyze the dimension of the reading through the library and the librarian. Since it is known that both, the library and the librarian, contribute directly to the formation of readers. It will have as base the conception of many studious people as: Houaiss, Zilberman, Bamberger, Chartier, Abreu, Orlandi, Milanesi and others researchers who have already given great collaboration about the role of the library and the professions who are involved in it to make readers. This paper, with qualitative focus, does not have the intention to explore all the resources that refer to the role of the library and the librarian as well; however, it intends to bring out reflections about this place as a place of pleasure, information and where can be find new readers; this way the library is able to play its role as social institution which makes readers and assures them the access to the information and culture, that give to the people the right to read and consequently to become someone aware and more capable.

Key-words: Reading. Library. Librarian.

1- INTRODUÇÃO

O mundo contemporâneo vive em meio a uma explosão de informações que são veiculadas face aos avanços tecnológicos que propiciam sua ampla disseminação, o que tem exigido que as pessoas desenvolvam e aperfeiçoem cada vez mais suas estratégias em buscar e usar informações de forma crítica e criativa. Nesse contexto, as instituições educacionais devem contribuir para que a aquisição desse processo transcorra de forma que os leitores possam atender as suas necessidades e as de sua comunidade. A busca de informação, via biblioteca, tem sido uma prática que tem acompanhado a história das pessoas porque é neste ambiente que a maioria delas têm tido acesso ao livro e, muitas vezes, têm tido a oportunidade de se tornarem leitoras.

Se o acesso à leitura é um direito de todos, a biblioteca deve ser um espaço social onde devem conviver pessoas de diferentes faixas etárias, de vários níveis econômicos, diversas escolaridades, credos e várias raças, além de segmentos da comunidade em geral. Compreender cada leitor em suas necessidades, anseios e expectativas e promover sua auto-estima devem ser práticas presentes no ambiente da biblioteca. Mas é importante ressaltar que essa compreensão do acesso à leitura não deve estar somente dentro do espaço da biblioteca, é necessário que as bibliotecas e os profissionais que ali trabalham desdobrem seu papel cultural e educativo em outras dimensões. Houaiss (2001) considera essas dimensões de formação de leitores como aspecto significativo do desdobramento do pensamento, da obra e da realidade.

Um ponto de grande relevância a ser destacado em relação ao desdobramento das dimensões das bibliotecas e de seus profissionais, é a importância desta instituição em formar leitores para o mundo e para a vida; ou seja, a transformação construída através da leitura faz descortinar um novo horizonte na vida do ser humano através do texto, que conversa com o leitor e o transforma. Zilberman (2001, p.51) alerta que:

Como é o texto que fala ao leitor, e não o contrário, estabelece-se, no início um funcionamento assimétrico, conforme o qual o segundo se deixa dirigir pelo primeiro. Wolfgang Iser , discutindo o ato de ler, destaca, contudo, que a função do leitor é eminentemente transformadora, pois, graças à sua ação, a obra passa de mero artefato artístico a objeto estético, passível de contemplação, entendimento e interpretação.

Fica claro na citação de Zilberman (2001) que o livro fala com o leitor, transformando-o e ampliando seus conhecimentos, a ponto de capacitá-lo para interpretações mais amplas do mundo e da vida. Sem dúvida, a história da leitura tem demonstrado que ela constitui uma das conquistas da humanidade. Pela leitura, é possível o ser humano não só apreender o conhecimento, como também transformá-lo em um processo de aperfeiçoamento contínuo.

Dessa forma, o discurso de Zilberman (2001) confirma que o prazer e o conhecimento construídos por meio da leitura conseguem extrair a fragilidade aparente, fazendo com que a pessoa tenha acesso ao mundo das letras, da informação e, conseqüentemente, o direito à voz que outrora era imersa na força do silêncio e da “escuridão”, (BAMBERGER, 1986). Nesse sentido a leitura promove também o desenvolvimento intelectual, podendo ressignificar a vida pessoal do sujeito, possibilitando a abertura de novos caminhos e perspectivas, resultado das dimensões proporcionadas pelo verdadeiro papel da biblioteca e dos profissionais nela inseridos.

2- BIBLIOTECA: LEITURA E SOCIEDADE

Não se pode negar que a educação é uma das instituições importantes no desenvolvimento econômico e social de um povo. Nesse sentido, é que a leitura torna-se de vital importância no processo educativo que acontece na sala de aula, na escola e na sociedade e, nesse contexto, na biblioteca.

Diante disso, o ato de ler exerce grande influência sobre a realidade de um grupo social ou de uma nação. Corroborando as idéias de Paulo Freire, quando de sua palestra no XI Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação, realizado em João Pessoa, Paraíba em 1982, no qual ele abordou a questão da alfabetização e das bibliotecas populares, alertando que o mito da neutralidade da informação, que pode levar à sua legitimação, torna-se enganoso. Diante disso, nota-se que a informação sempre esteve a serviço de quem a domina e a filtra para passá-la adiante. Assim, pode-se interrogar, de qual biblioteca a sociedade necessita para negociar os múltiplos sentidos da informação? Essa é uma questão sobre a qual há necessidade de uma reflexão para o entendimento das concepções de biblioteca.

Para chegar aos múltiplos sentidos da informação, é importante que o leitor tenha contato com vários tipos impressos, e que tenha a oportunidade de visualizar diferentes assuntos, pontos

de vista e ideologias. Para que isso ocorra através da biblioteca, é necessário que ela tenha um acervo diversificado com todo tipo possível de textos e livros. Chartier (1998, p.119) afirma que: “Na biblioteca pública, você deve encontrar livros que não procura, como se fossem eles que o procurassem”. Percebe-se a partir da afirmação do autor, a importância de um acervo diversificado, levando o leitor a encontrar livros que ele não esperava encontrar na biblioteca. Em contrapartida, Villalta (apud ABREU, 2000, p.187) afirma:

As informações referentes às bibliotecas nos séculos XVI e XVII sugerem que os livros então em circulação eram principalmente literários ou de cunho religioso, e que os maiores acervos bibliográficos atendiam à rotina das atividades dos colégios jesuíticos. Os livros, portanto, constituíam fontes de conhecimento e de acesso ao sagrado.

Nota-se que o acervo existente nessas bibliotecas era voltado somente para o conhecimento relacionado à religião, o que com certeza interditou os múltiplos sentidos da informação, não permitindo a abertura do “leque” do conhecimento e dos diversos tipos de saber para os leitores desses séculos.

Além da necessidade de um acervo diversificado em uma biblioteca para aproximar o leitor dos múltiplos sentidos, é também necessário fazer uma análise das leituras que são silenciadas por parte da sociedade. Abreu (APUD, MARINHO 2001, p.154) afirma que no Brasil:

É leitor apenas aquele que lê os livros certos, os livros positivamente avaliados pela escola, pela universidade, pelos grandes jornais, por uma certa tradição de crítica literária, ainda que os critérios de avaliação, poucas vezes explicitados, estejam vinculados a noções particulares de valor estético, de cidadania, de conhecimento. Todos os demais escritos – mesmo que materialmente idênticos aos livros certos – são não-livros. Da mesma forma, aqueles que os lêem – embora leiam – são não leitores, pois lêem Sabrina, lêem Paulo Coelho, lêem literatura popular. Por se realizar em torno de objetos desvalorizados, essas leituras são apagadas em favor da preservação da leitura mítica.

Essa discriminação aos mais variados tipos de leitura se torna um entrave na busca de um leitor que tenha senso crítico da interpretação da informação; é necessário entender que a leitura

dos mais variados impressos contribuem de forma direta para que o leitor tenha condições e maturidade para interpretar toda e qualquer informação, tirando-o da ingenuidade para se tornar, aos poucos, um leitor crítico e interrogador, que, aliando-se a outros leitores contribuirá para o desenvolvimento da sociedade a que pertence.

Assim, chegar ao conhecimento a partir de várias leituras é uma prática indissociável de busca da melhoria da condição de vida em quaisquer das áreas de atuação dos profissionais, que é permeada por um conteúdo ideológico, que pode estar explícito ou não. Esta compreensão se reforça na fala de Orlandi (1999, p.58), quando explica que: “As palavras mudam de sentido segundo as posições daqueles que a empregam. Elas tiram seu sentido dessas posições, isto é, em relação às formações ideológicas nas quais essas posições se inscrevem”. Nos últimos anos, tornou-se evidente que a escola, isoladamente, não satisfaz às exigências da sociedade moderna; é neste contexto que a biblioteca pode desempenhar um papel relevante na sociedade, que vai além dos seus limites de mero apoio à escola quando estimula sua clientela a uma frequente e permanente busca de informação, mesmo não havendo cobranças por parte da escola e da família. Esse incentivo de educação continuada pode ser planejado numa ação compartilhada entre os vários poderes e, com certeza, a biblioteca não ficará fora desse processo.

Nesse contexto, é importante lembrar que a maioria das bibliotecas desenvolvem atividades que exigem do público leitor pelo menos um razoável conhecimento de leitura. Esse processo, no entanto, não deve se restringir apenas à codificação e decodificação do código linguístico; deve ser estimulado e desenvolvido a partir de uma prática cultural continuada e de bibliotecas que desenvolvam programas incentivadores de leitura entre os diferentes segmentos da sociedade, principalmente, entre aqueles cujo nível de autonomia do ato de ler ainda necessita do acompanhamento de outros leitores. Ou seja, a biblioteca deve ser um espaço formal de leituras individuais e coletivas que promovam a formação de leitores.

3- O BIBLIOTECÁRIO E A FORMAÇÃO DE LEITORES

As práticas de leituras de uma biblioteca dependem da competência e do nível de interesse das pessoas envolvidas nesse processo. Ao fazer um estudo sobre biblioteca, é necessário buscar a figura do bibliotecário, enquanto profissional, conhecendo sua função e sua profissão. Os leitores de uma biblioteca não podem se sentir tolhidos e perdidos nesse espaço de leitura. Por

isso conhecer a figura do bibliotecário, como profissional responsável pelo bom funcionamento da biblioteca e também pela formação de leitores, torna-se de fundamental importância. Segundo Cunha (1978), profissão é uma atividade realizada permanentemente pelo indivíduo, sistematizada por normas que protegem sua unidade e continuidade.

Por essa concepção, o bibliotecário não pode ser visto apenas como um apêndice do ato de ler e tampouco um elemento que pode ser descartado do contexto escolar. Assim, a escolha da pessoa para exercer essa atividade de orientação para constituição de leitores deve primar pela competência de promover práticas que a função exige. Na visão de Milanesi (2002), o indivíduo que exerce esta profissão não deve ser um especialista em determinada área do conhecimento, mas, prioritariamente, aquele que conhece a comunidade a que serve, capaz de perceber todos os movimentos que nela acontecem e faz com que as atividades sejam uma resposta a esses movimentos, e às mudanças vivenciadas pela comunidade em que a biblioteca está inserida.

Portanto pensar no papel do bibliotecário significa fazer uma reflexão sobre a formação básica e continuada, posto que a formação e o desempenho são fatores interdependentes. Há de se considerar que o bibliotecário da biblioteca pública da modernidade está à guisa de uma nova identidade em função das profundas mudanças na sociedade, que estão determinando a necessidade de aperfeiçoamento, aquisição de novos padrões e novas estratégias para atender às demandas de um público leitor que clama por cidadania e pela redução das desigualdades sociais. Por este ângulo, o modelo atual do profissional bibliotecário requer não apenas que ele desenvolva o papel de mediador entre o leitor e a leitura, mas também o de produtor de conhecimento. Esta visão se aproxima de Cysne (1993, p.78):

A mudança na concepção da produção do conhecimento e da relação estreita entre o saber e o fazer teve influência nas concepções de biblioteca e biblioteconomia, provocando novo modo de pensar a instituição, os seus serviços, o papel do profissional, seus objetivos e a própria prática profissional.

Esse autor ainda acrescenta que o profissional bibliotecário, aquele que no seu dia-a-dia passa informação, é também capacitado a gerenciar, organizar, planejar bibliotecas públicas, escolares, universitárias, infantis, centros, serviços e redes de informação e documentação em empresas, bancos, sindicatos, discotecas, editoras, arquivos, museus e outras organizações. A

formação bibliotecária delineia assim um profissional de nível superior, conforme a lei nº 4.084, de Junho de 1962. A formação desse profissional tem por base a erudição e a técnica, e sua atuação deve ser pautada pela atualização permanente a fim de atender às exigências da sociedade dentro das características políticas, econômicas, sociais e culturais de cada região, estado e país.

Cabe ressaltar que, segundo Sponholz (1984), a primeira escola de biblioteconomia de nível superior no mundo foi fundada em Paris, em 1821, École de Chartes, calcada na erudição. A segunda escola surgiu quase meio século depois na América em 1887, com enfoque técnico, School of Library Economy fundada por Melvil Dewey – Universidade de Columbia, nos Estados Unidos.

No Brasil, o primeiro curso de Biblioteconomia só teve início em 1915 (tendo sido criado quatro anos antes) na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, com cinco disciplinas e quatro cadeiras: bibliografia, paleografia e diplomática, iconografia e numismática. Este curso, em 1922, foi extinto, mas em 1933 foi restabelecido. O curso tinha duração de dois anos. Em São Paulo, surgiu um curso elementar de Biblioteconomia instalado no Mackenzie College (atual Instituto Presbiteriano Mackenzie) em 1929, voltado para a preparação técnica dos funcionários da instituição. Segundo Passos (2004), este curso era orientado por Dorothy M. Geddes Gropp, uma bibliotecária norte-americana que tinha como função auxiliar e orientar a organização da biblioteca, além de substituir temporariamente a diretora Adelpha Silva Rodrigues de Figueiredo, que se ausentou para fazer um curso de biblioteconomia nos EUA. O curioso é que a vinda de Dorothy suscitava comentários do tipo: “Será que para se colocarem livros nas prateleiras há necessidade de se importar uma técnica americana?”. O curso de Biblioteconomia do Mackenzie não pode ser considerado o primeiro curso de biblioteconomia de São Paulo, pois tinha um caráter de sanar necessidades práticas do exercício profissional da instituição, mas foi sem dúvida um primeiro passo para a formalização de um curso voltado à formação superior de bibliotecários em São Paulo. O primeiro curso regular de Biblioteconomia em São Paulo (e o segundo no Brasil), de fato, surgiu em 1936, promovido pelo Departamento de Cultura da Prefeitura Municipal de São Paulo.

Se o bibliotecário é um dos profissionais de informação responsável principalmente pelo tratamento de informação bibliográfica produzida nos meios acadêmicos e intelectuais, parece

inegável sua importância no tratamento e acesso à informação. Apesar de seu papel histórico na intermediação e produção do conhecimento, o seu reconhecimento social e profissional é pouco visível, o que leva a provocar uma reflexão sobre as razões do pouco conhecimento e reconhecimento do bibliotecário.

De acordo com Lei Nº 9.674, de 26 de Junho de 1998 (anexo D), Capítulo VIII § 3º do Conselho Federal de Biblioteconomia, afirma:

As Bibliotecas Públicas localizadas em Municípios com até 10 mil habitantes e cujo acervo não ultrapasse a duzentos exemplares catalogados poderão funcionar sob a supervisão de um Técnico em Biblioteconomia, devidamente registrado perante o Conselho e, neste caso, deverão comunicar ao respectivo Conselho Regional de Biblioteconomia a criação, o funcionamento e a responsabilidade técnica da Biblioteca, para fins de anotação e controle, sendo isentas de qualquer taxa ou contribuição.

Nota-se que de acordo com a lei acima referida somente as bibliotecas que cumpram os requisitos acima especificados podem funcionar sem o profissional bibliotecário, mas, percebe-se que essa lei não vem sendo cumprida em grande parte das bibliotecas em nosso país.

A preocupação em apontar características pertinentes ao profissional da biblioteca e ao mesmo tempo reconhecê-lo como sujeito de atuação relevante na sociedade, também está assegurada pelos autores Guimarães e Guarezzi (1994) que afirmam que o bibliotecário, em geral, divulga a biblioteca, estuda-se o usuário, dissemina-se a informação sobre a profissão. Isso é evidente, mas não é comum divulgar-se o curso de biblioteconomia, o papel do bibliotecário, e informações sobre a profissão. É necessário então adentrar aos mares da profissão, analisando o perfil do profissional e sua função educativa na formação de leitores.

Para compreender o trabalho do bibliotecário e o sujeito desse trabalho, é preciso recorrer ao discurso de Cysne (1993, pp.85-86) quando afirma que:

[...] Ao coletar, selecionar, analisar e organizar as coleções que compõem o acervo da biblioteca, com vistas a responder com precisão e pertinência às demandas de informação da sociedade; ao auxiliar os usuários da biblioteca nas suas buscas de informação para solução de um problema determinado, o bibliotecário entra em relações sociais de trabalho que vão absorvendo novas concepções de vida, novo modo de pensar e de entender a realidade. O bibliotecário nessas relações de trabalho vai elaborando um novo conhecimento de si, das coisas e dos homens, que vão influenciando seu próprio modo de vida, suas relações com o mundo, com os homens, com o trabalho e com ele próprio, transformando-o.

Com base nessa exposição, nota-se que o bibliotecário lida com o mundo dos livros e de outros impressos, o mundo das pessoas e o seu próprio mundo, sendo clara sua tarefa no tratamento e acesso a informação. Cabe a ele sugerir leituras que inovem a qualidade do programa geral quando se trata da escola e, diretamente, sobre a programação geral da biblioteca.

De acordo com Douglas (1971), a biblioteca só poderá desempenhar plenamente seu papel quando o bibliotecário corresponder às expectativas de sua função. Portanto, o bibliotecário deve compreender as crianças, saber conquistá-las e dirigi-las, ter espírito de curiosidade, animação, tato, energia e saber lidar com adultos tanto com crianças. Precisa ter sólido conhecimento das publicações destinadas ao público infantil, juvenil e adulto, e poder assegurar a organização técnica de uma biblioteca. Neste sentido, há necessidade de mudança de atitude por parte dos agentes educacionais e das políticas públicas que tratam da biblioteca, no sentido de modificarem as práticas e representações da biblioteca, bem como mudanças também em relação ao papel e imagem do profissional bibliotecário.

4- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao compreender o espaço da biblioteca, suas dimensões de leitura junto à sociedade, e o importante papel do bibliotecário na formação de leitores, fica evidente a necessidade da biblioteca seja ela pública ou escolar, contribuir de forma efetiva para a democratização da informação e, deste modo abrir caminhos para a inclusão social, se firmando como uma fonte de lazer e conhecimento. Sendo assim, este espaço é de fundamental importância para o desenvolvimento cultural da sociedade; afinal, o acesso à leitura faz com que as pessoas ampliem seus conhecimentos e vislumbrem novos horizontes, tornando a leitura algo essencial para o crescimento intelectual da nação. Bamberger (1986, p.12,13) afirma:

A leitura e os livros têm hoje um novo significado e já não basta a uma pessoa completar sua educação escolar [...] tornou-se indispensável que um número maior de pessoas leia. Além disso, em face da riqueza infinita e constantemente ampliada de assuntos e áreas de informação a serem publicados, a escolha individual é cada vez mais importante.

Diante dessa necessidade e importância de acesso à leitura, percebe-se que o papel da biblioteca e do bibliotecário passa a ser de vital importância na medida em que contribui como um grande centro disseminador da informação, atuando, principalmente como um dos espaços para diminuir as desigualdades existentes na sociedade brasileira. Desta forma, Chartier (1998, p.123) faz uma alerta às bibliotecas municipais “no sentido de assegurar a leitura como uma atividade pública”, e ainda continua dizendo da importância de “que a biblioteca saia de seus muros e vá ao encontro dos leitores”.

À medida que a biblioteca e os profissionais nela inseridos se vincularem adequadamente à comunidade, ela passará a ser um dos caminhos que possibilitará a participação efetiva na sociedade da informação. Isso é de extraordinária importância em um país onde a desinformação atinge altas proporções e, sem essa oportunidade, milhares de pessoas jamais terão o prazer de entender e de ter noção dos seus direitos e deveres em uma sociedade globalizada. Assim, o acesso à informação e à leitura nos novos tempos significa um dos investimentos adequados para diminuir as desigualdades socioeducacionais e as mais diversas formas de dominação impostas na sociedade contemporânea. Nesse contexto, formar o leitor crítico é de vital importância para perceber a realidade a partir de suas contradições.

Nesse sentido, Cunha (1978) comenta que a biblioteca pública tem o papel de ser a instituição capaz de contribuir para o contato e cultivo de valores humanos, estimulando a convivência com outras culturas, acesso à leitura, levando ao conhecimento das raízes culturais, e ao desenvolvimento de culturas locais, além de libertar as pessoas de forma que elas se desenvolvam e se reconheçam como cidadãos interagidos com a sociedade, no sentido de transformá-la. Sendo assim, evidencia-se a importância do papel da biblioteca e do bibliotecário na disseminação da leitura e do acesso ao livro dentro da nossa sociedade, o que reforça a dimensão da leitura por intermédio da biblioteca e do bibliotecário.

REFERÊNCIAS

ABREU, Márcia. **Leitura, história e história da leitura**. Campinas – SP: Mercado das Letras. 2000.

BAMBERGER, Richard. **Como incentivar o hábito da leitura**. São Paulo, Ática/Unesco, 1986.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: UNESP, 1998.

CUNHA, L.A **Educação e desenvolvimento no Brasil**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978.

CYSNE, Fátima Portela. **Biblioteconomia – dimensão social e educativa**. Fortaleza: ed. UFC. 1993.

DOUGLAS, Mary Peacoca. **A biblioteca da escola primária**. Publicado de acordo com a UNESCO. Trad. e notas de Luís Damasco Penna e J.B. Damasco Pena. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro/ Conselho Federal de Cultura, 1971.

GUIMARÃES, José Augusto Chaves; GUAREZZI, Sirley. **Divulgação profissional: uma proposta pedagógica como suporte ao desenvolvimento da profissão bibliotecária no Brasil**. Transição, Campinas – SP. 1994.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário – Houaiss de Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

MARINHO, Marildes (org.). **Ler e navegar**. Campinas, SP: Mercado de Letras: Associação de Leitura no Brasil – ALB, 2001.

MILANESI, Luiz. **A informação, o cotidiano**. São Paulo: Ateliê editorial, 2002.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Discurso e leitura**. 4ª ed. São Paulo – SP, 1999.

PASSOS, Jeane dos Reis. **Competências e habilidades do bibliotecário na sociedade contemporânea: análise de quatro escolas paulistas**. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2004, 153 p. Dissertação (mestrado). Mestrado em Educação, Arte e História da Cultura, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2004.

SISTEMA NACIONAL DE BIBLIOTECAS PÚBLICAS. **A biblioteca pública, administração, organização, serviços**. Porto Alegre: Ministério da Cultura, L&PM Editores, 1999.

SPONHOLZ, Regina M.L.P. **Atribuições de bibliotecários em bibliotecas públicas**. São Paulo. Ed. Pioneira, 1984.

ZILBERMAN, Regina. **Fim dos livros, fim dos leitores?** São Paulo: editora SENAC. 2001.

(Recebido em setembro/2010. Aceito em Novembro/2010)